

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC) - cabines

Tente outra vez

História de [Samuel Alves Monteiro](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/06/2014

P/1 – Primeiro, Samuel, queria agradecer por você dar um pouquinho do seu tempo aí, eu sei que vocês estão trabalhando

R – Eu estou me sentindo assim, um cara famoso. É a primeira vez, não é costume fazer isso, ficar de frente pra uma câmera

P/1 – É verdade! Que legal. Seja bem-vindo à nossa cabine

R – Isso só quem faz mesmo, fica de frente mesmo é a pessoa que tá aí. Por exemplo, na TV União a gente vê uma pessoa sendo entrevistada. E aí a gente, bicho, eu to hoje como se eu fosse...

P/1 – Você tá sendo entrevistado. Mas essa entrevista, não se preocupe que é sobre a sua história, tá bom? Bom, só pra identificação do nosso vídeo, eu queria que você falasse o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento

R – Meu nome completo, Samuel Alves Monteiro. Nasci em Fortaleza e a minha data de nascimento é 24 do um de 1985

P/1 – Samuel, antes da gente começar sobre a sua história pessoal, tal, eu queria voltar um pouco pra sua família, a origem dos seus familiares, nome dos seus pais, de onde eles vieram. Qual é a história deles? Conta um pouquinho pra gente do que você conhece

R – Meus pais vieram do interior. Eles se conheceram no mesmo interior, Morrinhos

P/1 – Morrinhos?

R – A cidade. Cento e tantos quilômetros daqui de Fortaleza. Eles vieram pra cá e lá em casa somos em quatro

P/1 – Quatro irmãos?

R – Quatro irmãos. Aí tem uma mulher, a mais velha, e eu sou o mais novo. Eu tenho 28 anos. Eu moro no bairro Alta Nunes. Nasci e me criei nesse bairro, né? E o que eu posso dizer mais?

P/1 – Mudou muito de quando você era criança pra hoje?

R – Mudou

P/1 – Como que era o bairro no passado, conta um pouco

R – Ah, o bairro era sem calçamento, sem pavimentação. Ainda continua porque é um bairro de periferia, né? Ainda continua. Não tem muita área de lazer, mas mudou pra melhor em certos pontos. Primeiro era esgoto a céu aberto e tal. Eu nasci e me criei lá

P/1 – Continua sendo a mesma casa desde que você era criança até hoje?

R – Não, teve uma mudança. A gente mudou pra uma casa e até agora estamos lá. Eu ainda sou solteiro, moro com meus pais ainda. A minha família é isso. E a minha vida, até agora eu to aí, né?

P/1 – Tá ralhando aí (risos)

R – Tamos aí. Porque assim, com a minha idade já era para eu ter feito outra família, né? Mas ainda to morando com eles

P/1 – Isso aí vai vir com o tempo. Samuel, vamos voltar um pouquinho pra sua infância. Você brincava na rua? Quais eram as brincadeiras que vocês faziam? Como foi essa sua infância, conta pra gente

R – A minha infância. Eu digo aqui pros meus amigos de trabalho aqui, que eu não gostei muito. A minha infância foi problemática, não foi uma infância... Eu era uma criança tapada, não tinha habilidade pra aprender as coisas. Nasci, e aí eu olhava assim pro mundo, não compreendia o mundo. Eu dei muito trabalho pros meus pais, estudo pra mim todo dia era um sacrifício. E aí eu fui, graças a Deus concluí os estudos. Aí outras coisas, deixa eu ver se eu me lembro pra contar pra vocês aqui. Eu tive uma infância pobre, com dificuldade. Aquela criança que aprendeu a andar de bicicleta, ficou com aquele... Lá em São Paulo como é que diz uma pessoa que tá sempre com a vontade, é verme, o que é? Aqui a gente chama de verme

P/1 – É um gíria?

R – É uma gíria. É um verme

P/1 – Quem gosta muito de fazer algo, é isso?

R – É tipo um vício. Porque eu aprendi e não tinha bicicleta. E não podia ver uma bicicleta que queria andar, aquela vontade de andar. Aí aqui em Fortaleza chamam de verme, tá com verme de andar

P/1 – Você não tinha bicicleta, como é que você aprendeu?

R – Bem, eu aprendi dentro de uma sala sem móveis, com uma bicicleta bem pequenininha, sem pneu, só o aro da bicicleta. Eu ia de uma parede para outra. Criança eu aprendi dessa maneira. E quando eu aprendi, naquele tempo era difícil ter uma bicicleta, a dificuldade e tal. Aí o que aconteceu? O meu pai prometeu uma bicicleta pro meu irmão mais velho e como eu era o mais novo eu ia ser o último. No interior, o pessoal aqui, a teoria dele era aquela, de dizer que os mais velhos iam receber a bicicleta. E a bicicleta chegou lá em casa, eu levei um piso nesse dia porque eu protestei que eu queria andar. E aí meu pai meteu o chicote pra cima, né? Aí eu ganhei uma bicicleta. Veio meu irmão do meio e depois eu ganhei a bicicleta. Eu não fiquei satisfeito com essa bicicleta porque não foi do meu agrado, foi uma bicicleta que chegou e eu não gostei. De lá pra cá meus amigos me falaram para eu contar aqui dos Correios sobre a minha infância, essa história que eu contei pra eles. Eu vou contar aqui também. A minha mãe e o meu pai também diz que eu era recém-nascido, não tinha como saber o que está acontecendo, mas logo quando eu nasci eu tive uma infecção e tudo o que eu comia passava, não fazia digestão. Eu fiquei bem magrinho e a minha mãe me levou pro interior já pra enterrar, assim, já tava nas últimas mesmo. Ela diz que eu tava todo enroladinho, as pessoas passavam por mim: “Esse daí não escapa não”. E lá tinha uma empregada do padre, que ela até faleceu já. Eu nasci em 85, aí tinha o presidente que tava entre a vida e a morte em 85? Não sei se você... O Tancredo Neves. Ele tava lá entre a vida e a morte e a empregada do padre me viu e disse assim: “É, mas antes esse menino vá, parta, e o Tancredo escape da morte”. E na verdade o Tancredo partiu e eu escapei, né? E aí, to aqui pra contar história (risos). Eu sou um pouco rebelde, eu sempre fui um pouco rebelde. Eu sempre fui radical, assim, e disse assim, rapaz, mas antes eu tivesse ido. Porque eu passei por umas coisas na vida, umas turbulências, e eu sou tímido. Eu acho que eu tive um pouco de depressão, eu não sei se é depressão, essas coisas que estão acontecendo, né? Mas graças a Deus estou dando a volta por cima com toda dificuldade. Eu acredito em Deus, tenho fé em Deus

P/1 – Samuel, como foi a questão profissional? Porque hoje eu to vendo que você trabalha aqui, não é? Foi seu primeiro emprego esse?

R – Foi, foi

P/1 – Como você conseguiu? Conta pra gente

R – Foi a oportunidade que surgiu. Eu já estou com seis anos aqui, já fiz muita amizade aqui nos Correios, todo mundo gosta de mim. Graças a Deus eu me dou muito bem aqui. Tomo conta de um estacionamento ali atrás, problemático também, mas... E aí, através de um conhecido, de uma peixada, arranjei esse emprego. E estou aqui há seis anos. Não to satisfeito, to querendo outro. E agora estou com 28 anos e estou tentando concurso, estou olhando pra esse lado aí. Porque agora acho que tá uma dificuldade

P/1 – Você está estudando?

R – Eu fiz um curso preparatório. Eu estou estudando aqui pra Guarda Municipal de Fortaleza. Vou tentar. E aí estou na esperança

P/1 – Você lembra como foi seu primeiro dia de trabalho?

R – Meu primeiro dia de trabalho eu não conhecia ninguém, todo envergonhado. Eu achei muita dificuldade porque não conhecia ninguém, ninguém me conhecia. Aí eu percebia que o pessoal olhava pra mim assim: “Esse daí”. Meio esquisito. Mas depois que eu me entrosei com o

povo aqui, eu não tenho nenhuma inimizade aqui, eu me dou muito bem com as pessoas. Quando eu conheço uma pessoa eu sou muito comunicativo com ela, eu sou muito realista, minha personalidade é essa, de não ter papa na língua e falar. Eu sou muito apegado às pessoas

P/1 – Samuel, você falou que é meio problemático ali no estacionamento. O que aconteceu já? Tem alguma história? Os clientes muito loucos, o que é? Conta uma história pra nós do seu trabalho

R – É uma coisa que a gente passa e depois vem para o nosso aprendizado, há males que vêm para o bem, eu sempre digo isto. Eu percebo que a cada dia que passa fica pior porque tem muitos carros, motos, todo mundo comprando moto, carro e aí não tem nada limitando, principalmente moto. Eu tenho uma corrente, aquela corrente eu fico descendo, subindo o dia todinho, falando. A pessoa chega com seu carrinho, eu identifico. Aí tem hora que não tem vaga, a pessoa quer entrar. Aí vem aquele quebra galho, o Severino, né? “Ô, fica com a minha chave”. Eu sei dirigir, né? Tenho carteira, tal. “Fica com a minha chave, dá um jeitinho e bota ali”. E, às vezes tem hora que tá falando sério e eu fico um pouco abalado assim porque por mim tava tudo organizado. Quando eu dissesse não tem vaga, a pessoa metia a ré e ia-se embora, né? Mas não. Eu digo: “Tá cheio”, a pessoa: “Deixa eu entrar?”. Tem umas que eu conheço, tem umas que eu já não conheço. Tem gente que eu percebo que fica com raiva de mim, fica me xingando dizendo que eu tenho interesse em colocar aquela pessoa porque ela me dá. Porque aqui pra nós, né? (risos) Essa entrevista eu vou falar. Rola umas gorjetas, eu recebo. A pessoa tá lá, quer me dar, funciona desse jeito. Mas eu não sou interessado. A pessoa vê logo que eu sou honesto, eu só quero o que é meu. E a pessoa pensa que eu tenho essa ganância, essa maldade dentro de mim. Pra quem não me conhece

P/1 – E os caras vêm mesmo, jogam o carro, te maltratam?

R – É

P/1 – Samuel, me fala uma coisa. Pensando na questão dos Correios, parando um pouco pra pensar na sua vida, tal. Qual a sua primeira lembrança que você tem dos Correios?

R – Dos Correios. Aquela pessoa que vai na sua casa e entrega suas contas (risos), entrega alguma encomenda que vem pra você e aí, quando os Correios ficam em greve as correspondências não vêm, você tem que ir atrás

P/1 – Você tem alguma história, por exemplo, de uma carta que você recebeu, ou de uma carta que você enviou? Ou de uma encomenda que você recebeu dos Correios. Você tem alguma história que envolva isso?

R – Quando eu não trabalhava aqui eu fiz até concurso pra ser carteiro, mas não passei. Não, não tenho

P/1 – Você usa os Correios além do trabalho?

R – Uso

P/1 – Como você usa?

R – A gente precisa dos Correios pra mandar uma encomenda tem que mandar pelos Correios que é uma empresa de confiança. E inclusive eu mandei uma agora, recentemente. Fiz a inscrição do concurso e precisou mandar pelo Sedex. Mandei pelo Sedex, deu tudo ok a inscrição. Os documentos, mandei pelo Sedex

P/1 – Me fala uma coisa, Samuel, qual é o seu sonho? Quando você para, chega em casa, qual o seu sonho, o que você quer, imagina?

R – Passar num concurso público. Eu sempre tive isso, passar num concurso público. Porque eu sou terceirizado, né? E eu vou tentar. Aquela música do Raul Seixas, né? “Tente outra vez”. Sempre. E eu acho que eu to aí. Eu estudei. Porque assim, como eu lhe falei, estudo pra mim, eu tenho facilidade para outras coisas, mas pra estudo... Mas eu to dando uma volta por cima. Porque a gente tem que ter o alicerce. Tem gente que tem uma facilidade, entra na escola, tem um QI elevado, o professor bota lá e num instante aprende e tal. Já eu não, eu ia com dificuldade. Eu uma criança, não sabia o que estava passando, não sabia a dificuldade. E quando a gente amadurece, quando a gente tem 28 anos sabe que a solução é o estudo. E aí eu, graças a Deus, a minha vida tá boa agora. Eu moro com meus pais. Primeiro eu não tinha quarto, agora eu tenho um quarto, meu notebook, com cama, guarda-roupa bom, tudo o que eu queria está realizado. Questão financeira, eu era pobre e não tinha nada, só dependia dos meus pais. Agora eu moro com eles, mas... E aí meu sonho é passar no concurso público. Porque o concurso é estabilidade e é um sonho meu

P/1 – Legal, torcer pra que passe, né?

R – É. Se passar, não passar é igual a música do Raul Seixas, tente outra vez

P/1 – Samuel, me já pensando pra gente finalizar, me fala uma coisa. Não precisa ter pressa pra responder, mas pensando na sua vida, 28 anos, nascido em Fortaleza, aqui, batalhando. Qual foi um dos fatos mais marcantes na sua vida? Conta um dia que tenha sido muito especial pra você

R – Rapaz, deixa eu ver aqui

P/1 – Um dia diferente

R – Bem, eu tenho algumas coisas. A gente não percebe, vai passando, a gente mal agradecida. Eu, por exemplo, você me fez essa pergunta e eu fazendo essa reflexão, a gente vê que eu hoje tenho uma moto, o dia que eu comprei minha motinho, comprei, paguei. Nasceu o meu sobrinho, filho da minha irmã, que é o primeiro neto. É o primeiro em tudo, primeiro neto, primeiro sobrinho e primeiro afilhado. Eu sou o padrinho dele, minha irmã me escolheu. Ela me chamou pra ser padrinho e eu: “Vixi, eu sou seu irmão, sei disso, não tem uma...” “Você quer ser?” “Quero”. O nome dele é Miguel, está com dois anos e eu sou o padrinho dele. Eu tenho que passar pra ele uma certa confiança, né, se Deus quiser e mostrar a realidade pra ele. Como bom padrinho, sempre levando essa responsabilidade de padrinho. E eu quero ser um padrinho bom, pra ele dizer assim: “Esse aí é meu padrinho, eu me orgulho de ter um padrinho como este”. Eu sempre penso assim

P/1 – Tá legal. Samuel, em nome do projeto dos Correios e do Museu da Pessoa, muito obrigado pela sua história, por ficar aqui um pouquinho com a gente

FINAL DA ENTREVISTA